

**IVALDO FILONI**

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO – O VOCÁBULO-GÍRIO**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS  
NÚCLEO DE ZONA LESTE  
JABOTICABAL-SP  
2008**

**IVALDO FILONI**

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado á faculdade de Educação São Luis, como exigência parcial para a conclusão do CURSO de Pós - Graduação Lato Sensu em: Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de textos.*

Orientado pela professora: Maria Carolina de Godoy.

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS  
NÚCLEO ZONA LESTE  
JABOTICABAL-SP  
2008**

Dedicamos

Aos meus pais, pelo exemplo de fé, sabedoria e perseverança.  
Aos meus filhos, pelo suporte de afeto e estímulo.

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS, pois o Senhor me concede a capacidade de enxergar o caminho do bem e do sucesso.

À minha esposa pela compreensão, em todas as circunstâncias.

À minha orientadora, querida Maria Carolina, pela dedicação e fonte de conhecimento.

“Lutar com as palavras é a  
luta mais vã. Entanto  
Lutamos. Mal rompe a  
manhã.”  
(Carlos Drummond de  
Andrade)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1 CLASSIFICAÇÃO DA VARIAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA .....	11
<b>1.1 Variação diacrônica</b> .....	<b>11</b>
<b>1.2 Variação diastrática</b> .....	<b>12</b>
<b>1.3 Variação diamésica</b> .....	<b>13</b>
<b>1.4 Variação diafásica</b> .....	<b>13</b>
<b>1.5 Variação diatópica</b> .....	<b>14</b>
<b>1.6 Variação lingüística diafásica e diatópica</b> .....	<b>16</b>
LINGUAGEM .....	21
<b>Para que serve a linguagem?</b> .....	<b>21</b>
PRECONCEITO LINGÜÍSTICO .....	27
<b>3.1 A existência do preconceito lingüístico</b> .....	<b>27</b>
<b>3.2 A gíria</b> .....	<b>31</b>
3.2.1 Alguns dados sobre a gíria .....	31
3.2.2 A significação secreta da gíria .....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
REFERÊNCIAS .....	42
ANEXO .....	44

## RESUMO

O homem quer dominar o mundo e quer ter todo o conhecimento desse mundo, procurando explicar tudo o que existe. Para isto, serve-se da linguagem, utilizando-a como ferramenta para explicar o que é próprio do universo humano. A linguagem oral e escrita faz parte da Lingüística e, ao pronunciar qualquer som, o falante produz signos que reproduzem a própria vida, seus pensamentos, sua cultura e sua identidade. A gíria, nesse contexto, surge como signo de um grupo, inicialmente secreto, e reflete-se na escrita porque seus falantes a usam como algo comum em todos os momentos, sendo comum estar associada à irreverência dos jovens. Em todos os momentos da literatura, podemos encontrar autores que se deixaram influenciar pela oralidade e, ao longo do tempo, alguns desses autores preocuparam-se em registrar a variação social ou psicológica de suas personagens (ou narradores) por meio de apropriações da linguagem oral na escrita. Hoje, podemos encontrar registros da gíria em redações, cartas, em livros e na música. Por ser uma manifestação escrita, o texto literário necessita de um processo de elaboração, de reflexão e de planejamento que muitas vezes incorpora o falar cotidiano. Nesse sentido, o refletir da oralidade na escrita é uma forma de aproximar texto e leitor.

Palavras-chave: Linguagem – Variedades Lingüísticas – Gíria.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o preconceito lingüístico derivado do uso da gíria, tanto na língua falada como na escrita. Tivemos a atenção de esclarecer uma das tendências mais marcantes que podem ser observadas na história da língua portuguesa: a variação e a evolução lingüística em relação à realidade nacional, especificando-se na linguagem da gíria.

Observa-se que a condição social do falante dificulta seu desempenho verbal e, sobretudo, o escrito, sendo preciso ter como ponto de partida uma concepção de linguagem que compreenda as variações e diferenças existentes em que a linguagem se torna um processo de significação.

A utilidade desse trabalho não está em apresentar exemplos e soluções para o problema questionado, mas sim, compreendê-lo de maneira cuidadosa sem apontar precipitadamente modelos de técnicas consideradas como uma linguagem de baixo prestígio em relação aos padrões sociais que se impõem.

O tratamento dado ao tema é analisar vocábulos e expressões (por mais impróprios que se apresentem), evitando qualquer espécie de crítica sobre a significação e uso que envolva uma posição moral diante a língua.

Ao contrário do que muitos pensam, a gíria não se constitui um flagelo da linguagem. Quem, um dia, já não usou as palavras bacana, dica, cara, chato, cuca,

esculacho, estrilar? O mal maior da gíria reside na sua adoção como forma permanente de comunicação, desencadeando um processo não só de esquecimento, como de desprezo do vocabulário oficial. Usada no momento certo, porém, a gíria é um elemento de linguagem que denota expressividade e revela grande criatividade, desde que, naturalmente, adequada à mensagem, ao meio e ao receptor. Note, porém, que estamos falando em gíria, e não em calão. Ainda que criativa e expressiva, a gíria só é admitida na língua falada. A língua escrita não a tolera, a não ser na reprodução da fala de determinado meio ou época, com a visível intenção de documentar o fato, ou em casos especiais de comunicação entre amigos, familiares, namorados, etc., caracterizada pela linguagem informal.

A variedade culta, por ser uma língua a que poucos têm acesso e domina, provoca resistência, graças às regras impostas.

Fazer uma ligação entre variação lingüística oral e a escrita é necessário, para entender que na sociedade há grupos sociais diferentes. Apresentar as pessoas à existência desses grupos é de grande importância, porque na escrita existe a utilização de formas escolhidas referentes ao assunto tratado, as pessoas têm que conhecer melhor esse código lingüístico para adequá-lo em cada situação e ter cuidados ao transcrever suas idéias.

Aliás, como bem explana o autor: “Só existe língua se houver seres humanos que falem”. (PRETI: 1994,28).

Nos capítulos subseqüentes, serão encontrados estudos sobre a compreensão da variação lingüística, a linguagem, preconceito lingüístico e em anexo alguns vocábulos e expressões mais corriqueiras no nosso dia-dia.

## 1 CLASSIFICAÇÃO DA VARIAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA

### 1.1 Variação diacrônica

Dubois (1988), *chama de: “variação diacrônica o fenômeno pelo qual, na prática corrente, uma língua não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, noutro lugar e noutro grupo social”*.

A primeira variação mencionada por Dubois, a variação diacrônica, foi citada pela primeira vez por Saussure, em 1916: é a variação na natureza dos fatos lingüísticos observados em sucessivas fases ao longo do tempo. Por exemplo, no português medieval, as palavras “caça”, “gente” e “chuva” eram pronunciadas “ca[ts]a”, “[dj]gente” e “[tch]uva”, pronúncias que não existem mais hoje.

Podemos considerar variação diacrônica formas que, embora ainda constem nas gramáticas normativas, não existem mais no uso freqüente de determinados países. No Brasil, por exemplo, a segunda pessoa do plural, “vós”, (vós fostes, vós iríeis etc.) e o pronome possessivo correspondente, “vosso”, desapareceram tanto na língua falada quanto na escrita, mesmo dos falantes ditos cultos. O uso atual é dizer e escrever “vocês foram”, “vocês iriam” etc.

A variação também pode ser percebida, muitas vezes, comparando-se gerações. Muitas gírias ou expressões utilizadas pelos pais ou avós não são reconhecidas ou compreendidas pelos filhos. Além disso, no estudo comparativo da

língua falada por pessoas de gerações diferentes, percebe-se a mudança também nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e estilístico-pragmático. A língua que falamos hoje é resultado de muitas mudanças ocorridas em épocas diversas: isso é a variação diacrônica. E é uma prova de que a língua não é algo pronto, estagnado, definitivo; mas uma realidade dinâmica, em constante mudança. Essa tendência à mudança é própria da natureza das línguas. A mudança não é para pior nem para melhor, é simplesmente mudança (CAMACHO, 2004).

## **1.2 Variação diastrática**

A variação diastrática é a diferença no sistema lingüístico observada entre diferentes estratos da população, que têm entre si distinções sociais e/ou culturais, decorrentes do nível de escolaridade, do local de origem (urbano/rural) etc. na comunidade carioca, os apelativos dona, madame e senhora são usos diversos para a mesma forma semântica, sendo os dois primeiros característicos da fala de pessoas das classes mais populares, e o terceiro das de classe média e alta, como por exemplo: trabalhei na casa de uma dona, de uma madame X dei aula para a filha daquela senhora: outro exemplo é o rotacismo, ou seja, a transformação do l em r, nos encontros consonantais, como na forma flamengo também característica da fala das camadas populares por oposição a flamengo (CAMACHO, 2004):

Castilho (1985, p 235) também enumera diversas características, entre as quais citamos apenas algumas: na fonética, a queda ou nasalização da vogal átona inicial: incelença por excelência; na morfologia, a perda do -s da desistência da primeira pessoa do plural: nós cantamo, nós cantemo, por nós cantamos; na sintaxe, a negação redundante, como em ninguém não sabia. Entre muitos outros casos que ocorrem com freqüência no português brasileiro.

### **1.3 Variação diamésica**

A variação diamésica comporta as diferenças existentes entre as modalidades de expressão da língua: oral e escrita. Aqui, é fundamental o conceito de gêneros discursivos. Como se pode ver, no continuum tipológico das práticas sociais de produção textual de Marcuschi (2001, p. 41), produzido abaixo, fala e escrita se apresentam num continuum que abrange vários gêneros textuais. Há os que se aproximam mais da fala e outros que estão mais próximos da escrita. Não há, portanto, um padrão fechado.

Assim, como vemos, não se deve opor fala a escrita como duas modalidades estanques e dicotômicas, pois, nas situações do cotidiano, elas se alternam. Como explica Marcuschi, as estratégias de formação do falante/redator determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, das seleções lexicais, do estilo, do grau de formalidade, etc (CAMACHO, 2004).

### **1.4 Variação diafásica**

Dentro de um grupo o mais homogêneo possível, tomando-se a mesma época, mesma região, mesmo nível social, mesmo sexo, idade e profissional dos falantes, pode ocorrer ainda a variação diafásica, isto é, o uso diferenciado que o indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento em determinada situação. Quando o indivíduo estiver falando em uma situação mais formal ou redigindo um bilhete mais informal, ou falando com o chefe ou o filho ou com a

esposa, as formas que ele confere ao seu comportamento verbal variam de acordo com o contexto da intenção.

Encontramos variação na fala do mesmo indivíduo de acordo com o papel social que ele assume. Quando um professor desempenha uma função de autoridade, ele tende a utilizar uma linguagem mais monitorada, enquanto, em casa, em uma conversa com a esposa, tende a utilizar uma linguagem mais informal, conseqüentemente menos monitorada. Eventos realizados no ambiente profissional tendem a serem mais monitorados. Essas alternâncias de estilos não podem ser caracterizadas como uma mera escolha individual, pois depende de fatores como contexto, tipo de relação entre os interlocutores, classe social, sexo, idade etc.

Um exemplo da variação diafásica quando à diferença fala informal X fala formal, independente de outros fatores, é a pronúncia dos verbos no infinitivo em que, na fala coloquial brasileira, normalmente, se apaga o [-r] final do infinitivo dos verbos, como em estudá, bebê, dirigi, pô, e, nas situações mais formais, se pronunciam estudar, beber, dirigir, pôr. Outro exemplo é o uso das gírias em situações mais informais, enquanto nas situações formais tende a ser evitado (CAMACHO, 2004).

## **1.5 Variação diatópica**

A variação diatópica, também de regional ou geolinguística, é a variação linguística existente nas diferentes regiões em que determinada língua é falada. Pode-se observar variação diatópica dentro de um país com pessoas falantes da mesma língua. São as diferentes maneiras de:

- a) pronunciar as palavras (sotaque ou prosódia): há falares no Brasil em que a vogal [o], quando átona e em posição pretônica (como em novela, corrente, nojento) é pronunciada aberta [ó], enquanto em outras, é pronunciada fechada [ô]; varia também a pronúncia do [t] e do [d], quando seguidos de [i], em algumas regiões se diz [tchia] e [djia] e, em outras, [tia] e [dia], além da pronúncia do [r], uma das marcas de maior variabilidade regional do País.
- b) escolher as palavras (diferenças no léxico), como no exemplo clássico, “mexerica”, “bergamota”, “tangerina”, por exemplo; ou no uso do pronome tu/você, em que em determinadas regiões, em geral, utiliza-se tu, enquanto em outras, prestigia-se principalmente o pronome você, como mostram diversas pesquisas sociolingüística no Brasil.

A maioria dos exemplos populares de variação diatópica do português brasileiro são retirados do léxico, como mostram diversos dicionários regionais como o “dicionário de Baianês”, de termos da Bahia, o “dicionário Papachibé”, de termos do Pará, o “Dicionário da Ilha”, de termos de Santa Catarina etc. Mas também temos muitos fatores de ordem morfossintática, como, por exemplo, o uso ou omissão dos artigos definidos em “Entrei na casa de mãinha /de minha mãe/da minha mãe”; ou no citado uso de tu e você, como pronomes de segunda pessoa, entre muitos outros.

Além de, em um nível micro, existir variação lingüística entre diferentes regiões e estados do país, há variação diatópica também na fala de pessoas oriundas de zonas urbanas e rurais do Brasil ou de áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades. Nem sempre é fácil discernir a variação diatópica de outros casos

de variação porque os traços tipicamente regionais tendem a aparecer principalmente em contextos mais informais (CAMACHO, 2004).

### 1.6 Variação lingüística diafásica e diatópica

A língua é variável para todos os falantes e certos questionamentos revelam mais preconceito que saber. As línguas mudam e também seus padrões marcam as pessoas de modo que as posicionam de forma que podem muitas vezes excluí-las de certos bens materiais e culturais.

Tomemos como exemplo um tipo de variação lexical, que é um dos modos que pode variar na língua, ou seja,

Um elemento conhecido por todos e pode sofrer variações conforme o local (variação diatópica) e a situação formal ou informal (variação diafásica) (FIORIN, 2002. p.78).

#### **Exemplo de variações diatópica:**

abóbora em São Paulo - jeremum na Paraíba

#### **Exemplo de variação diafásica:**

ao invés de “fazer” – “fazê” / ao invés de “andar” – “andá”

Segundo Castilho (1985) as línguas humanas sofrem fenômenos complexos e podem ser identificados com sofisticadas gramáticas sistêmicas e que é impossível seguir uma gramática sem estrutura. Além da organização gramatical que caracteriza a língua um outro aspecto é a sua flexibilidade, porém muitas vezes, nem todas as seqüências de palavras constituem enunciados gramaticais, e a organização da língua não é rígida, mas sempre estamos dispostos a diferentes maneiras de transmitir a mensagem básica, ou seja, nós falantes sempre temos alternativas para expressar um mesmo conteúdo.

As escolhas feitas pelos falantes referentes às palavras e expressões oferecem ao seu texto suas características estilísticas.

Estilo é o produto desse trabalho individual de escolher entre as inúmeras alternativas que a língua nos oferece e assim, dar uma posição individual à expressão (FIORIN, 2002 p. 68).

A língua portuguesa é falada de modos diferentes pelo Brasil variando: conforme a condição social dos falantes / conforme a situação em que estamos (formal ou informal) / conforme que sejam nossos interlocutores, ou ainda, o papel social que exerce naquele momento.

Partindo desses pontos, pode-se perceber que nenhuma língua é única, todas possuem variações na pronúncia, no vocabulário e na estruturação gramatical, uma língua que possui um conjunto de variedades não tem apenas uma, mas várias gramáticas registradas em seu cérebro.

É certo afirmar que, a variação mais óbvia é aquela que está ligada a cada região em que a língua é falada (a língua varia de região para região) e que em

várias regiões do país estão em um mesmo espaço geográfico e que o fator principal para essa consequência é a migração populacional que ocorreu no século XX.

É importante lembrar que, do ponto de vista da qualidade lingüística todas as variedades possuem igual valor e não há melhor, ou mais bonita ou mais certa que a outra, mas que todas são igualmente organizadas e atendem às necessidades dos grupos que as usam e que em certas ocasiões a diferença se transforma em discriminação e as pessoas de fala diferente passam a ser alvo de pesados preconceitos sociais.

O preconceito lingüístico, ou seja, a discriminação motivada pelo fato de o outro falar diferente, aumenta a cada dia em nosso país contribuindo para efeitos nocivos. A língua varia também de grupo social para grupo social e que fatores como gênero e situação socioeconômico tornam-se condicionados a diferentes experiências sociais e culturais participando de diferenciação lingüística e que é importante destacar sua qualidade, porque são todas organizadas por possuírem gramática e são funcionais para os grupos que as usam (FIORIN, 2003).

Do ponto de vista lingüístico não há diferenças entre os enunciados:

‘Chegou as mina’. e ‘Chegaram às garotas’.

E este, é um dos pontos mais complicados da relação com variedades da nossa língua mostrando que não são apenas variações geográficas, mas sim, no que se transformou em um país tão desigual socialmente com um peso de discriminação. Pode-se afirmar que, o português do Brasil possui dois grandes grupos de falares:

- O primeiro inclui apenas aqueles que são usados pelos grupos sociais que estão em melhor posição socioeconômica (e que por isso, têm amplo acesso

à escolaridade, aos bens de cultura escrita e aos outros bens de cidadania (português culto);

- O segundo inclui aqueles que são usados pelos grupos sociais que estão em situação oposta, ou seja, têm pouco acesso à riqueza nacional cultural e à escrita. (português popular).

Entre os falantes de língua portuguesa “*culta*”, há uma poderosa escala de valores que coloca o seu próprio modo de falar como “*superior*”, “*melhor*”, “*certo*” e caracteriza ainda o português popular como “*inferior*” e “*errado*” e intitula seus falantes como “*ignorantes*” e “*incultos*”, reforçando a situação de discriminação e exclusão que os atinge historicamente.

A linguagem é modificada conforme a situação que está em determinado momento provando que a linguagem é modificada para adaptarmos a cada situação, a fala se torna mais cuidadosa em situações de formalidade e mais coloquial em situações de informalidade, e é nessas situações de informalidade que é permitido o uso da gíria sem maiores problemas, nas situações formais será raro aparecer gíria e que nessas ocasiões será utilizada como ressaltar (PRETI, 2005).

O ideal de uma variedade padrão, e em princípio positivo pela sua utilidade social e cultural. Esse ideal não pode se transformar em um instrumento de autoritarismo e discriminação.

O padrão lingüístico não pode ser entendido como eliminar a diversidade, mas sim, como uma em meio às outras variedades com finalidade e usos específicos e lembrar que está ligada à escrita porque esta tem a grande vantagem de poder transcender não só os limites locais, como as próprias fronteiras nacionais.

Pode ser lido em qualquer lugar, para uma pessoa estrangeira e até mesmo nativa naquele momento pode perceber que, através dos tempos, a importância da

escrita é algo que podemos reescrever fazendo novos ajustes tornando-se algo é bem menos comum na fala. A diversidade lingüística e cultural é fator de riqueza e dinamismo social, portanto, todos os falantes querem possuí-la.

A língua padrão é algo que os letrados prestigiam e valorizam certos modos de dizer transformando-os em mais adequados em certas atividades na fala e na escrita e que será de uso real dos falantes e de fácil domínio. Sempre existiu uma discussão sobre a língua padrão que esta considera as variações como algo ruim também a língua padrão deveria ser usada em todas as circunstâncias, mas que na verdade é importante adequar a expressar às circunstâncias e que a língua é algo interativo entre o falante e sociedade que vivência.

A linguagem representa a forma mais alta de um falante simbolizar seus pensamentos é importante perceber essa variação de forma positiva (PRETI 2005).

## **2LINGUAGEM**

### **2.1 Para que serve a linguagem?**

Segundo Fiorin (2003) linguagem é a faculdade que o homem tem de se exprimir e comunicar por meios diversos.

A língua é um veículo de conhecimento humano e a base do patrimônio cultural de um povo. A utilização da língua pelo indivíduo denomina-se fala. A fala nasce da necessidade de comunicação do ser humano. A língua não é um sistema intangível imutável; como toda criação humana. E está sujeita à ação do tempo e do espaço geográfico, sobre constantes alterações e reflete forçosamente as diferenças individuais dos falantes.

A língua funcional de modalidade culta, língua culta ou língua-padrão interessa a língua literária em que baseia-se a norma culta; forma lingüística que é utilizada por um grupo mais culto e influente em uma sociedade. É a linguagem utilizada pelos meios de comunicação de massa (emissoras de rádio e televisão, jornais, revista, painéis, anúncios etc.) e a função é de serem cúmplices com a escola colaboram com o desenvolvimento intelectual e educacional da sociedade e não ao contrário.

Cada povo deve exercer essa capacidade por meio de um determinado código lingüístico, ou seja, utilizando um sistema de signos vocais distintos e significativos, a que se dá o nome de língua ou idioma (FIORIN 2002).

“A língua como algo que abrange vários domínios e ao mesmo tempo pertencente ao domínio individual e social”. (Saussure, 1969, p. 59).

Ou, seja a linguagem é complexa e com diversos problemas que necessita de análise de outras ciências separando uma parte da linguagem destaca-se a língua que é única, é algo ligado ao poder da linguagem e as convenções necessárias que determinado grupo adotou para uso social: “que a Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua em si mesma, e por si mesma”. (Saussure: 1969, p. 73).

A língua é considerada uma estrutura constituída por alguns elementos e que cada um deles tem seu valor de funcionamento determinado e que Saussure afirma ser estruturalismo, como a língua se estrutura diante a condição social e cultura.

Chomsky (2006) considera “a linguagem como um conjunto (finito ou infinito) de sentença construídas a partir de um conjunto finito de elementos”, (Chomsky 2006, p.25), ou seja, toda língua natural possui sinais gráficos que são representados pela escrita e que cada sentença só pode ser representada como uma seqüência finita dos sons que são as letras.

Analisando todos esses conceitos referindo-se à língua falada, existe a preocupação de seu reflexo de má língua escrita que é a autoridade e prestígio em sua forma culta, não prestigiando expressões oralmente utilizadas em textos.

As línguas passam por mudanças através dos tempos. Pode-se perceber que também através do contato de outras faixas etárias como vocabulário e construções diferentes que são tão marcantes, apresentando-se através de texto escritos de outras épocas e que afasta se da língua falada sendo representada graficamente.

Porém, a língua escrita não reflete todas as mudanças que ocorre na língua falada, existindo diferenças até o momento da aceitação.

A linguagem falada que é contínua colocou em princípio a teoria da comunicação diante de uma situação considerada “mais complicada” do que no caso de um conjunto finito de elementos discreto que a linguagem escrita apresenta. (Preti – 2000, p.32).

Dizer que a linguagem é um princípio de classificação social dos indivíduos é algo que pode ser afirmado como as condições de vida preexistente do falante e que depende de sua cultura, educação, tradições, influência religiosa e seus princípios morais que teve em seu desenvolvimento ao longo de sua vida.

Saber a distinção entre gíria e “*palavrão*” é importante, pois há diferenças entre si:

- a gíria é um vocabulário de grupo e de um grupo surge; o jargão é uma palavra técnica ou científica vulgarizada, tenta mostrar uma linguagem superior que é ao mesmo tempo condenada por essa posição, o indivíduo utiliza uma linguagem diferente para impressionar; o “*palavrão*”, “*calão*” ou ainda linguagem obscena à algo completamente diferente, o “*palavrão*” não varia muito com o passar dos séculos, apenas tem a função de ofender, variando apenas de um significado para outro entre cultura.

A norma culta é a forma lingüística que todo povo civilizado possui, é a segurança da unidade da língua nacional e que sob ponto de vista político-cultural é de grande importância ser difundida nas escolas, mas que a língua popular torna-se mais expressivas e dinâmica:

- Estou preocupado. (norma culta).
- Tô preocupado. (norma popular).
- Tô grilado. (gíria, limite da norma popular).

Segundo Preti (1984) para compreender essas diferenças não basta apenas analisar suas mutações, mas sim verificar suas razões, perceber suas espontaneidades e expressividades conviver com sua criatividade.

A gíria somente é admitida na língua falada, a escrita não tolera, a não ser na reprodução da fala de um determinado meio ou época, com a intenção de apresentar o fato ou documentar o fato, ou em casos de comunicação mais íntima que é caracterizada como linguagem informal.

O gramático, Roberto Melo Mesquita (1997, p.38) “divide a linguagem em níveis e inclui a gíria no que ele chama nível relaxado da linguagem, no qual há desvios da linguagem-padrão”. Sua abordagem é de cunho prescrito. Já Isabel Cabral (1995), no seu livro didático. “Palavra aberta trata a gíria de uma perspectiva descritiva”. Exemplo: um jovem falado com seu pai ao telefone.

O jovem fala: *“Ô velho, já faz um tempão que sou dono do meu nariz... Sempre batalhei, arrumei um trampo, dou um duro danado! Me empresta o carango pr’eu sair coma gata hoje?”*

O pai responde: *“Só se você conseguir traduzir o que disse para uma linguagem que eu gosto de ouvir meu filho!”*

Segundo Vigostsky: “Que o desenvolvimento da fala segue as mesmas leis do desenvolvimento das operações mentais, e é importante o desenvolvimento da linguagem” (Vigotsky, 1962, p.63), mas a língua escrita não reflete todas as mudanças que ocorreram na língua falada, há defasagem entre o aparecimento de

mudanças na língua falada e o momento em que elas passam a ser aceitas ou pelo toleradas na língua escrita.

“Que todo ser humano tem que agir de acordo com as regras impostas pela norma culta, que deve saber quando pode e não pode falar determinados referenciais” (Maurizio Gnerre, 1998, p.26).

Algumas vezes é difícil perceber as variantes porque nenhum falante domina totalmente todas as variedades e principalmente sobre conteúdos referenciais, a língua padrão pertence a uma reduzida parcela da sociedade e está ligado a valores fixados na tradição escrita.

O passo fundamental na afirmação de uma variedade sobre as outras é sua associação à escrita e, conseqüentemente, sua transformação em uma variedade usada na transmissão de informações de ordem política e “cultura”. (Gnerre – 1998, p.29)

Fazer uma ligação entre variedade lingüística e a comunicação escrita compromissou o início para uma reflexão sobre esta variedade e um processo de como se organiza. Escrever nunca foi, é ou ainda, será a mesma coisa que falar, é algo que exige necessariamente uma forma escolhida e em qual conteúdo faz referência.

Gnerre (1998) cita em sua obra M. Baktin V. Volóshinov em obra produzida em 1929 que expõem dois princípios orientados para uma visão “*oficial*” e conservadora da linguagem dentro da tendência que era chamado de “*objetivismo abstrato*”.

1. A língua é um sistema estável, imutável, de forma lingüísticas submetidas a uma norma fornecida ta qual a consciência individual e peremptória para esta.

2. as leis da língua são essencialmente leis lingüísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos lingüístico no interior de um sistema fechado.

Estamos acostumados a considerar que a comunicação é muito importante e reconhecemos que a linguagem envolve uma complexidade e diversos problemas que envolvem a análise de outras ciências.

A língua é uma parte essencial da linguagem: “é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (Saussure, 1969, p.17).

Segundo Saussure (1969) a língua é um sistema de signos, um conjunto de unidades que se relacionam organizadas dentro de um todo. A linguagem possibilita trocar experiências: o que já aconteceu, o que aconteceu e o que possivelmente poderá acontecer. É orientada pela visão do mundo, pela realidade social, histórica e cultural.

### **3PRECONCEITO LINGÜÍSTICO**

#### **3.1 A existência do preconceito lingüístico**

O Preconceito lingüístico já é algo que existe na imagem de todos os brasileiros e que faz de uma imagem negativa ligada à nossa cultura apresentando um alto grau de diversidade e variação não por causa da grandeza do país, mas também infelizmente devido às imensas diferenças sociais. James Molroy em uma citação em BAGNO (2006):

Numa época em que a discriminação em termos de raça, cor, religião ou sexo é publicamente aceitável, o último baluarte da discriminação social explícita continuara a ser o uso que uma pessoa faz da língua. (James Milroy – 1998: Apud Bagno, 2006, p.12)

Deve-se ter consciência que a variação cultural existe. Então, não é possível existir somente uma única língua e que algumas pessoas que utilizam a norma literária culta empregada pelos escritores e jornalistas não possuem língua.

Os falantes de língua que são considerados sem prestígio não têm contato com determinados serviços que têm direito por simplesmente não terem acesso à linguagem empregada pelos órgãos públicos.

Em algumas instituições oficiais referentes à educação reconhece na realidade marcada pela diversidade existente. Nos Parâmetros curriculares Nacionais (PCNS), pode-se destacar:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. (...) A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais dos programas de difusão da mídia sobre "o que se deve e o que se deve falar e escrever" não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (PCNS, 1998, p. 28).

Cada região tem seus vícios de linguagem e sua variação, ou seja, suas regras de funcionamento. Mesmo na língua de adultos já formados do nível superior surgem alguns recursos estilísticos e somente em ocasiões formais quer deixar claro que domina a norma culta imposta pelas gramáticas escolares e que esta, por sua vez, insiste em considerar "erradas" algumas construções como "Eu conheço ele" e que reflete na escrita formal praticamente com poucas diferenças e que considera expressão "legítima" e que a quantidade de falantes é caracterizada pelo tamanho do país.

(...) uma língua não pára nunca. Evolui sempre, isto é, muda sempre. Há certos gramáticos que querem fazer a língua parar num certo ponto, e acham que é erro dizermos de modo diferente do que dizia os clássicos. (...) uma língua, sempre que muda de terra, começa a variar muito mais depressa do que se não tivesse mudado. Os costumes são outros, a natureza é outra as necessidades de expressão tornam-se outras, e juntas a língua para adaptar-se à realidade. (Monteiro Lobato, 1934).

A linguagem de todos os instrumentos de controle e coerção social, talvez seja o mais complexo e sutil, sobretudo, depois que, ao menos num mundo ocidental, a religião perdeu sua força de expressão e de controle oficial das atitudes sociais e da vida psicológica mais íntima dos cidadãos. (Marcos Bagno, 2002, p.32).

A língua é o que identifica o individual e o social de cada ser e somos o que falamos, a história das línguas e das sociedades são de constantes mudanças acompanhando as transformações das relações sociais.

“No Brasil, a língua falada pela grande maioria da população seja o português e que apresenta-se como um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país, mas sim principalmente por causa das trágicas diferenças sociais”. (Marcos Bagno, 2004, p. 42).

A língua escrita formal entre brasileiros é um nível ainda de possível compreensão que deve ser seguido como, padrão, porém se um texto é lido, é possível constatar sons diferentes, segundo Travaglia (2002) a competência gramatical ou lingüística é a capacidade que tem todo usuário de língua de gerar seqüências lingüísticas gramaticais, ou seja, consideradas por esses mesmos usuários como seqüências próprias e típicas da língua em questão.

Não há questionamentos, mas sim observação da aceitação da criatividade da construção da língua nas diversas situações de comunicação, o aluno, ao chegar à escola, já possui variações lingüísticas e conseguir dominar pelo menos duas, porém é preciso saber quando usá-las.

O nível casual (coloquial distenso) é um nível que percebe-se uma completa integração entre falante e ouvinte, como o uso freqüente de gíria, que é um indicador do relacionamento próprio do grupo fechado (linguagem particular ou semi-particular). É caracterizado pela omissão de palavras e pouco cuidado em sua pronúncia, que pode ocorrer com mudanças de sons, sem seus finais, etc. (Travaglia: 2002, p.65).

Bagno (2006) explica que em grego a palavra gramática significa exatamente “*a arte de escrever*” e é algo referente para preservar a língua literária, mas pode-se verificar as mesmas regras são esperadas na língua falada e em muitos momentos é impossível cobrar algo desse mesmo modo. O preconceito existe partindo da visão de que é apenas correto seguir a escrita e restringir-se a isso e dificulta a compreensão da verdadeira variedade lingüística.

O mito de que é preciso saber gramática para saber falar e escrever bem é uma afirmação em que muitos concordam, porém há algumas pessoas, menos conservadoras que não concordam com a forma tradicional de ensinar regras de sua língua, mas sim apresentar que à partir da gramática normativa é que surgem as variedades e como existem possibilidades de poder compreendê-las.

A gramática normativa é como se fosse um instrumento de poder e controle que é imposta a todos como modelo universal para respectiva língua e são utilizadas como uma espécie de lei.

Porém, é difícil identificar essas pessoas que utilizam apenas a gramática normativa e se estão contra todas as outras formas de variações, na escola é necessário ensinar a língua padrão, mas sem deixar de respeitar o que o aluno traz consigo, o conhecimento que adquire antes de fazer parte de um ambiente que é fonte de saber padronizado, mas que não é totalmente uma ferramenta de ascensão social como faz referência. ( Bagno, 2006).

*É muito comum encontrar pessoas muito bem-intencionadas que dizem que a norma padrão conservadora, tradicional, literária, clássica é que tem mesmo de ser ensinada nas escolas porque ela é um “instrumento de ascensão social”. Seria então o caso de “dar uma língua” àqueles que eu chamei de “sem-língua?”. (Marcos Bagno, 2006, p. 45)*

*Se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e social do país (...) Supostamente, ninguém melhor do que eles dominam a norma culta. Só que a verdade que está muito longe disso como sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. ( Bagno, 2006, p.47).*

É importante que o professor faça com que o aluno perceba a importância de dominar a norma culta ou língua padrão e ensinar a variedade escrita da língua. O aluno vai para a escola dominado a norma coloquial, mas que fazê-lo compreender

que as variedades formais da língua são tão importantes para a interação comunicativa. ( BAGNO 2006).

É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o reconhecimento (sem o tradicional julgamento de valor) da variação lingüística, porque o mero domínio da norma culta não é fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. É preciso favorecer esse reconhecimento, mas também garantir acesso à educação em sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito". (Marcos Bagno, 2006, p.32).

Qualquer modo de falar tem sua razão de ser, suas regras é uma gramática, mas a variação para a sociedade, não se organiza como científica por mais estruturada que essa variedade seja não corresponde ao que o poder lingüístico determina correto e na escola é algo que precisa ser muito bem trabalhado para que o preconceito diminua (BAGNO 2006).

## **3.2 A gíria**

### **3.2.1 Alguns dados sobre a gíria**

Apesar do estudo da gíria ser recente, a gíria é um vocabulário de todas as épocas e de todos os povos, se lhe atribuirmos o sentido de linguagem de um grupo social determinado. Como manifestação tipicamente oral, porém, não deixa documentos suficientes para datar o seu exato aparecimento, embora sua existência possa ser vislumbrada em muitos povos.

Na França, por exemplo, os primeiros vocábulos gírias documentados remetem à linguagem marginal ou aos mascates, comerciantes ambulantes, na Idade Média; ou são surpreendidos nos versos de um poeta popular, François de Villon, nas suas baladas argóticas dos fins do século XV obras que, ainda hoje,

guardam em parte, sua natureza criptológica. Quase sempre as referências históricas à gíria francesa (o chamado argot) nos levam ao seu uso pelas corporações criminosas que infestaram a nação depois da guerra do Cem Anos (Cf. Casciani, 1948; Dauzat, 1946).

Também do século XV datam os primeiros documentos gírias italianos, ligados aos principais dialetos da Península. Na Espanha, talvez mais tardios, começam a aparecer no século XVI, com forte influência do argot francês.

Em Portugal, no século XVI, a obra de Gil Vicente testemunha a existência de muitos vocábulos populares, de natureza gíria, em geral ligados às profissões. E, no século XVII, um poeta, D. Francisco Manuel de Melo, arrolou em sua Feira de Anexins, uma série de vocabulários de gíria da época. Os estudos mais significativos sobre o vocabulário gíria português começaram na segunda metade do século XIX e primeira do século XX, quando apareceram ensaios, capítulos de obras, dicionários ou glossários de autores como J. Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Queirós Veloso, Alberto Bessa, Amílcar Ferreira de Castro. Albino Lapa firma, na introdução de seu Dicionário de calão (1974, p. 21) que:

“em 1890, surge uma lista de termos, a maior que até ali tinha aparecido inteligentemente coordenada e identificada. A esse passo se ficou devendo a Queirós Veloso, publicado na Revista de Portugal um longo estudo, intitulado “A gíria”, com 1355 termos. E daqui em diante fica lançada a verdadeira ciência do calão ou gíria na língua portuguesa.”

Nas últimas três décadas de nosso século, o maior intercâmbio cultural e lingüístico resultante principalmente da exportação além-mar da novela de televisão brasileira, favoreceu o aparecimento de vocábulos gírias brasileiros em Portugal, apesar de pronta reação dos intelectuais portugueses, muito mais ciosos da unidade lingüística do que os brasileiros.

Já a origem da gíria brasileira é bastante nebulosa. As línguas africanas e ameríndias que entraram em nossa formação vocabular, praticamente não deixaram influência na gíria. Ao contrário de Portugal, pequena foi a influência da língua cigana nesse vocabulário, restringindo-se às primeiras décadas do século XX e, com o passar dos anos, pode-se dizer que, praticamente, desapareceu, em virtude da presença cada vez menor desse povo nas cidades brasileiras. O que se pode dizer é que, historicamente, há um fundo comum entre gíria portuguesa e brasileira, e o fenômeno, como sempre é de natureza urbana.

### **3.2.2 A significação secreta da gíria**

É importante analisar a gíria como uma das manifestações de cultura popular em um determinado momento histórico e verificar os fenômenos lingüísticos que se realizam no contexto variável dos acontecimentos sociais, a língua constantemente se renova para atender as necessidades de comunicação.

Estudos apontam que a gíria vem sendo ampliada em todo o mundo e como exemplo, São Paulo, as pessoas utilizam para as mais diferentes situações internacionais e que tornou-se tão comum que não percebem que utilizam a gíria.

Em uma comunidade memoriza-se um conjunto de palavras e por meio de sua existência passa ser expressão estruturada, até mesmo a ideologia desta própria comunidade seguem normas sociais que a regem. Na linguagem do dia-dia, a gíria tornou-se um recurso simples de aproximar as pessoas não utilizando a formalidade.

Certos hábitos desapareceram ou ressurgem em épocas diferentes com novas significações que os vocábulos adquirem com o passar dos tempos. É um

vocábulo que está sempre em transformação e é preciso alertar para não utilizar uma gíria fora de época, fora de nossa idade.

Um jovem, por exemplo, acostumado à contestação, em função da própria idade, busca uma maneira própria de viver e de auto-realizar-se. Não pode deixar de ter direito à escolha de “sua” linguagem, de uma maneira pessoal de dizer as coisas, dentro do seu grupo, embora possa ser educado para ter consciência de que há vários níveis de linguagem, apropriados a cada um dos papéis sociais que representa diariamente sociedade em que vive. (Dino Preti – 2004, p.68).

Os costumes de uma competitividade de forças sociais opostas é que se alternam e equilibram continuamente a renovação que é controlada pela aceitação pelo povo, a sobrevivência das palavras torna-se um reflexo da vida social e que ao longo da sua formação são julgadas como termos “bons” ou “maus”, apropriados ou inadequados aos diversos contextos que existem, e a partir daí percebe-se que a gíria é vista sob duas perspectivas:

-a primeira, a chamada gíria de grupo, isto é, a de um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado (grupos de jovens ligados à dança, à música), seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade; a segunda, perspectiva de estudo e pesquisa, a da gíria comum, é a que estuda a vulgarização do fenômeno, isto é, momento e que, pelo contato dos grupos restritos com a sociedade, essa linguagem divulga, torna-se conhecida passa a fazer parte do vocabulário popular, perdendo sua identificação social. (Dino Preti – 2004 p. 66.).

Ao analisar a limitação do vocábulo gíria percebe-se um grande problema que é delimitar esse fato dentro da linguagem popular.

A gíria é um vocabulário ligado à vida e à cultura de um grupo social restrito, cuja função é o uso de uma linguagem restrita, como um meio de defesa e preservação da classe identificando os falantes.

A gíria de grupo expressa sua visão e julgamento da sociedade que os cerca, apresentando possibilidades ou tornando ambíguos significados da linguagem de

uso comum, agredindo-o e opondo-se à norma lingüística convencional que foi escolhido pela maioria, marca então, seu conflito com a sociedade e que pode ser julgado como agressivo e de defesa e assim justifica como a gíria uma linguagem especial e acessível para uma minoria.

A gíria é vista como uma linguagem do oprimido, da revolta, a humilhação, o medo, o conflito de classes, a opressão, o trajeto que marca a trajetória diária dos menos favorecidos na sociedade, a desigualdade que expressa em seus vocábulos é irônico, tratando com desdém o mundo opressor que o cerca refletindo na apresentação dos instintos mais primários e os sentimentos mais elementares de um povo.

Pede-se caracterizar de forma mais segura que o vocábulo gíria é como um signo de grupo, ou seja, saber diferenciar os termos obscenos dos vocábulos populares que se tornam tão freqüentes no registro coloquial e que até mesmo na escrita da língua favorecem uma melhor elaboração dos enunciados para que se tenha o valor desejado.

O processo de formação da gíria inclui metáforas, truncamentos, sufixação, acréscimo de sons ou sílabas, e às vezes, palavras de baixo calão. A gíria pode revelar a língua do falante e também é conhecida como jargão quando se refere à linguagem peculiar usada por quem exerce determinada profissão. “Estudos constataram aceitação e permissão da gíria para todos os falantes e que sociedade moderna devido à velocidade das mudanças, muitas vezes abandona as tradições, renovando-se”. (Prete, 1999).

O vocábulo gíria pode ser dividido em duas grandes categorias: a gíria comum que é específica em que grupos determinados e na maioria dos casos só é

acessível a determinados grupos e já a gíria comum faz parte da linguagem usada por todas as comunidades lingüísticas.

Segundo Camacho, são consideradas como variedades dialetais de natureza social os jargões profissionais ou de determinadas classes sociais bem definidas como grupos. A gíria é definida como forma própria de utilização da língua e se protege do entendimento por outros grupos, podendo ser considerada como uma forma de dialeto social.

Muitas vezes a presença desta diferença é tão marcante que certos grupos conseguem se comunicar de forma livre, que não há outro tipo de seguidores que surgem para acompanhá-los.

Para as gírias e os jargões é também relevante considerar o universo conceitual e referencial em relação ao qual existem. É claro que não é suficiente “conhecer” o léxico para entender uma mensagem em gíria ou em jargão. É necessário ser de alguma forma “interno” aos conteúdos referenciais para entender algo das mensagens. (Gnerre, 1998 p.25)

A gíria pode ser vista como um dos aspectos da própria comunidade humana para transmitir as informações que são importantes para a vida comum e á própria comunidade se encarrega de preservar transmitindo as formas de uso para determinados grupos, o que ocorre um certo conflito com a sociedade e que às vezes perde a ligação dos grupos e passa a fazer parte da fala e da vida da população, mais especificamente das camadas mais humildes.

Fazendo da linguagem um mecanismo de agressão, nem por isso, no entanto, o pequeno grupo chega a criar um código novo. E nem sequer, às vezes, um vocabulário totalmente original, (salvo e casos excepcionais, quando mais necessário se torna seu caráter criptológico, caso específico da linguagem dos presídios, dos taxinômicos, dos investigadores e dos meliantes, dos raiomadores etc.). (Dino Preti, 1984 p. 71).

É importante que nas escolas de ensino fundamental e médio exista o investimento para o aprendizado da língua, ou seja, esse é papel da instituição, separando um pouco a modalidade oral que não pode deixar em segundo plano por certos motivos. Também é essencial cumprir a tarefa de ensinar o uso das variedades da linguagem, sem condenar nenhuma, inclusive a gíria, mostrando que todas possuem sua função de interar os falantes nas situações que envolvem.

É importante ter o estudo literário e gramatical ampliando o conhecimento de diversos textos e fazer com que os estudantes percebam as formas cultas na língua e que “escolham” a linguagem adequada nas diversas situações.

A própria sociedade admite uso a gíria e se encarrega de preservar o uso e conservá-la, e que muitas vezes despercebe a norma sistemática lingüística que por sua vez inibe o pensamento da comunidade em que vivem.

A comunicação de massa nos ensina a nos expressar por igual, seja no ambiente urbano, seja no ambiente rural e em muitos momentos as pessoas negam em seguir determinada imposição e reage contra porque sabe que cada um possui sua forma de se expressar e que não há necessidade de seguir um padrão.

Essa oposição ao uso provoca, de imediato, duas reações diversas na comunidade: a primeira, de crítica, de condenação, porque ela infringe os padrões lingüísticos, apõe-se agressivamente à tradição, mantida em especial pela escola, a segunda, de curiosidade, dado que toda e qualquer reação às regras sociais vigentes causa admiração, e o uso restrito evoca hábitos, atitudes, atividades pouco correntes e, muitas vezes, contraditórias. (Dino Preti, 1984, p.3).

A escrita não reproduz (nem deveria reproduzir) diretamente nenhum falar, há que a mesma escrita tem tantas pronúncias quanto variedade do sistema lingüístico.

O desenvolvimento lingüístico dos alunos (“correção” lingüística) deveria ocupar um espaço próprio, e mostrar as diferenças para que eles as percebam apresentando também outras variantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho é apresentar que dentro das variações lingüísticas existentes há uma que domina na linguagem dos jovens: a gíria. O significado da linguagem é que ocupa o lugar central, é algo que une pensamento e fala e se unem em um pensamento verbal e escrito.

É importante que todos compartilhem o mesmo significante para ter um mesmo significado numa palavra e, para que possa existir a comunicação entre os falantes da língua, organizando suas vivências, é necessário que as palavras não tenham sempre ambigüidade.

A gíria está cada vez mais ganhando outros contextos, surge até mesmo em registros onde até pouco tempo atrás não era desejado nem admitido.

A gíria por fazer parte da linguagem coloquial ou comum está sendo apresentada como identificação do dialeto popular que surge naturalmente em tipos de registros como o coloquial, comum a até formal, como em veículos de comunicação em massa e na escrita dos jovens.

A criação da gíria não tem que apenas atender à originalidade, mas sim atender às finalidades diversas, como fazer com que todos compreendam e deixe de ser exclusivo de um único grupo, assim começaria a ser aceito o seu uso pela maioria, deixaria de ser um conflito com a sociedade.

É verdade que a Escola teria que passar por uma tarefa cultural lenta e fazer com que todos os falantes dominem todas as variedades e adequassem a linguagem à cada situação e que a gíria caberia em momentos mais íntimos e afetivos.

É difícil verificar quais vocábulos pertencem a forma coloquial ou formal, pois, estão sempre em transformação e começam a fazer parte de todos quando inicia e a ser partilhado por todos que não fazem parte de um determinado grupo.

A função na escola não é somente transmitir a norma culta, mas também, ensinar cultura e ter contato com o padrão idealizado através dos diferentes gêneros textuais existentes na sociedade, mostrar a importância e que os alunos saibam ler e escrever e não decorar regras que quase não usa na língua.

É importante que os professores recebam uma boa formação lingüística, principalmente em sociolingüística para que reconheçam o que é uma variante e não exclua seus alunos.

As línguas modificam-se com o tempo, e a prova disso é a sua chegada há 500 (quinhentos) anos do Português de Portugal aos dias atuais: são línguas próximas, mas estruturalmente diferentes, então, não tem porque basearmos somente na gramática portuguesa para considerar o que é certo é errado, é necessário que todos se adaptem e saibam conviver com essas mudanças lingüísticas.

A variação lingüística indica o poder de conhecimento em relações sociais, e nos textos analisados verifica-se uma certa dificuldade nas construções de frases e colocações das palavras, que algumas vezes utilizam expressões de duvidosos significados surgindo então ambigüidades. Como exemplo: Os alunos estão em um

ambiente que promove o conhecimento da gíria e, conseqüentemente, deve-se adequar a escrita com este ambiente.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceitos Lingüísticos**: o que é, como se faz. 42<sup>a</sup> edição. São Paulo: Edição Loyola, 2006.

CASTILHO, A. T. de. **A Língua Falada no Ensino do Português**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 160 p.

CHOMSKY, NOAM. **Sobre a Natureza da Linguagem**: São Paulo: ED, Martins Fontes, 2006.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de lingüística**. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Lingüística I** - Objetos teóricos, São Paulo: Contexto, 2003.

GENERRE Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder**. 4<sup>a</sup> edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PRETI, Dino. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. **A gíria e outros temas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. **Estudos de língua falada: variações e confrontos**. 2.ed. São Paulo: Humanitas, 2000. (Projetos Paralelos, v. 3).

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística geral**. São Paulo Editora Contexto, 1975.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8ª edição**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1962.

## ANEXO

### OS VOCÁBULOS E EXPRESSÕES MAIS FREQUENTES

- 1 – Marmita = almoço
- 2 – Balada = festa
- 3 – Mina =mulher
- 4 – Barra suja = dificuldade
- 5 – Grana firme = enriqueceu
- 6 – Bronca = briga
- 7 – Quadrado = fora de época
- 8 – Baita = grande
- 9 – Sufoco = confusão
- 10 – Cachimbo da paz = cigarro de maconha
- 11 – Curtição = efeito originado das sensações da droga
- 12 – Tá ligado? Você entendeu?
- 13 – Sujou geral = alguma coisa aconteceu
- 14 – De cara cheia = bêbado
- 15 – Rei da cocada preta = importante, líder, chefe

- 16 – Se manda = vá embora
- 17 – Costa quente = gente importante
- 18 – Gente boa = pessoal
- 19 – Subir batido = desaparecer
- 20 – Homens da lei = polícia
- 21 - Marcar bobeira = facilitar
- 22 – Minha bocada = onde moro
- 23 – Continuar pisando = errando
- 24 – Fechou o tempo = ficou difícil
- 25 – Sair de fininho = sair de vagar coisa
- 26 – ordem no barraco = ordem no local
- 27 – Muito loco = muito divertido
- 28 – Pintar um clima = surgir oportunidades
- 29 – É osso = é difícil/dureza
- 30 – Firmeza = tudo bem
- 31 – Fossa = desânimo
- 32 – Piranha = prostituta
- 33 – Fica na sua! = não se envolver no assunto
- 34 – É mole = fácil
- 35 – Fumo = maconha
- 36 – Barra suja = com problemas
- 37 – Mano = amigo
- 38 – Grilo = preocupação
- 39 – To dando este alô = avisando

- 40 – Da pesada = difícil
- 41 – Entrar numa fria = situação difícil
- 42 – Parou na minha = chegou a mim
- 43 – Dei um flagrante perfeito = cheguei na hora certa
- 44 – Mané = otário
- 45 – Na boa = onde vende droga
- 46 – Muvuca = gente demais
- 47 – Couro come = surra
- 48 – Sai batido = foge, desaparece
- 49 \_ Tomar tapa = apanhar
- 50 – Deixar de armação = deixar de enganar
- 51 – Ficar miudinho = ficar quieto
- 52 – Mamar = obter lucro em alguma coisa
- 53 – Muambas = objetos
- 54 – Balada louca = festa divertida